

Homenagem especial -  
ao professor Hermenegildo Bastos

*Rafael Litvin Villas Bôas*

O professor Hermenegildo José de Menezes Bastos reúne em sua trajetória como professor e pesquisador características de uma atuação intelectual emblemática, que gostaríamos nessa ocasião solene de ressaltar – aqui falo na condição de um dos muitos professores formados por Hermenegildo, e como integrante do grupo de pesquisa Literatura e Modernidade Periférica, coordenado por ele.

A vida cultural e artística de Salvador, nos anos 1960, foi certamente uma escola primeira do ponto de vista estético e político. Dali surgiram na vida nacional incontáveis poetas, músicos, artistas, cineastas, intelectuais: os tropicalistas, Glauber Rocha, Carlos Nelson Coutinho, dentre tantos outros.

Hermenegildo chega a Brasília para estudar, acompanhando os irmãos, que se tornaram também professores renomados em suas áreas. Eram tempos de ditadura, momento de descaracterização do projeto original da Universidade de Brasília, de perseguição do pensamento crítico, demissão em massa de professores pioneiros, prisão de estudantes. Restrição ao pensamento crítico, criminalização do marxismo.

Naquele contexto, portanto, a definição do objeto de pesquisa era um ato delicado, implica nas condições de sobrevivência do estudante, e a opção pelo marxismo era um ato de coragem e rebeldia. Por essa trilha optou por seguir Hermenegildo: foi o primeiro estudante do programa a defender uma dissertação de mestrado, no ano de 1977, orientado pelo professor Flavio Kothe, cujo título é “Materialismo e idealismo na Teoria da Literatura”. Estudo importante e ousado, elaborado no mesmo período em que outro crítico, Fredric Jameson, publica dois anos antes, nos Estados Unidos, uma avaliação crítica do estruturalismo e do formalismo russo (*The Prison-House of Language: A Critical Account of Structuralism and Russian Formalism*, 1975).

No final dos anos 1970 o professor Hermenegildo segue para a Alemanha, com o intuito de prosseguir com seus estudos. No Brasil, a ameaça de censura não se restringia ao trabalho intelectual, como bem sabemos.

Conclui seu doutoramento na Universidade de São Paulo, em 1996, orientado pelo professor Joao Luis Lafettá que, infelizmente, falece no meio do processo, tendo a professora Iná Camargo Costa o substituído na orientação.

Na década de 1980, até meados da década de 1990, Hermenegildo atua na rede pública do GDF como professor de Literatura, e lecionou em muitas faculdades particulares do Distrito Federal. Assume diversas funções no aparato estatal, sempre ligadas à educação, à cultura e arte. Eram tempos de reconverter o Estado brasileiro à democracia, reconstruir um projeto de país, de conferir sentido coletivo e de qualidade à educação pública.

Em paralelo, desenvolve intensa atividade poética, arte que o torna conhecido como um dos principais poetas de Brasília daquelas décadas. Seu trabalho é incluído em antologia poética *Deste Planalto Central – poetas de Brasília*. Um ano após ingressar como professor da UnB, em 1996, publica seu último livro de poemas: *Autópsia de sombra* (1997), e antes dele publicou quatro livros, *A dança* (1968); *A coisa comum* (1976), *Palames* (1985) e *Crítica do desjuízo* (1990). A experiência do poeta aguça o olhar do crítico. Momentos de impressionante argúcia, rigor teórico e estético são as aulas em que Hermenegildo se debruça sobre um poema, desnudando equações simbólicas e mediações dialéticas invisíveis aos olhares menos experientes.

Em 1996, ingressa na Universidade de Brasília como professor de literatura. Ingresso tardio. A redemocratização não se anunciou como ruptura com a ditadura mas, em grande parte, como sua perpetuação: portas fechadas para aqueles que lutaram por outro projeto. Entrada tardia, muito a fazer em pouco tempo. Repor um legado alijado da universidade: o da tradição marxista de reflexão sobre a experiência brasileira, um pensamento ameaçador, porque reconhece na história seu caráter inteligível, e nisso a possibilidade de transformação, de revolução das estruturas.

Desde então, se notabiliza pelo trabalho empenhado na consolidação do Departamento de Teoria Literária e Literaturas, tendo sido coordenador do programa na gestão de 2001 a 2003. Atuou sempre como um intelectual produtivo contra o produtivismo. Buscou, no trabalho intelectual, escrever para seus interlocutores. Evitou sempre a projeção efêmera dos meios de comunicação mercantis, renegou carimbos como o artista intelectual, o poeta negativo, o crítico dos jornais.

Optou por fazer da sala de aula seu espaço prioritário de atuação política. E, para além das fronteiras da universidade, foi buscar interlocutores nos movimentos sociais. Atuou muitas vezes de forma voluntária como professor da Escola Nacional Florestan Fernandes, do MST. E, é importante dizer, seu trabalho crítico, com seu grupo de pesquisa, construiu a proposta das disciplinas do campo estético da Licenciatura em Educação do Campo da UnB, um curso de referência no país, nascido em 2007 na UnB, que forma professores para atuar nas escolas do campo, em assentamentos e quilombos.

Presenciei, certa vez, uma aula magistral do professor Hermenegildo na Escola Nacional Florestan Fernandes para uma turma de militantes que estudava arte e cultura, sobre o conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis. Dias depois, o professor concluía o texto “Que pai contra que mãe: a questão do ponto de vista em Machado de Assis”, incorporando no argumento o resultado político e estético de seu encontro com militantes. O texto segue sendo lido, debatido, inspirando exercícios cênicos de montagem do conto, e experimentos com a linguagem audiovisual.

Autor e organizador de oito importantes livros para os estudos literários brasileiros e latino-americanos, produziu, acima de tudo, conhecimento e não estatísticas, e se dedicou muito à formação intelectual de seus orientandos. É um dos principais estudiosos do romance regionalista de 1930, da obra de Graciliano Ramos, e de autores como Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Juan Rulfo, Murilo Rubião, Machado de Assis, Manoel Bandeira, Joaquim Cardozo, dentre outros. E nos anos recentes intensificou, com seu grupo de pesquisa, os estudos sobre a atualidade do realismo, a partir da perspectiva lukacsiana.

Um dos traços marcantes de sua trajetória é a atuação coletiva, o gesto gregário por meio do qual soube sempre reunir em torno das produtivas indagações que sabe formular um amplo grupo de estudantes e pesquisadores. Foi assim que construiu e lidera o grupo de pesquisa Literatura e Modernidade Periférica, responsável pela formação de mais de doze doutores hoje atuantes como professores em universidades públicas, institutos federais e escolas de Brasília.

O empenho em pensar o Brasil de forma dialética, por meio das mediações entre forma artística e forma social, e da lógica de inserção periférica do Brasil no sistema mundial, fez do professor Hermenegildo um interlocutor crítico da obra dos principais intérpretes do Brasil, possibilitando aos estudantes e orientandos uma formação abrangente e densa sobre o senso de contradições que norteiam a experiência brasileira. Pudemos ler os romancistas, contistas, poetas, cronistas, e seus críticos, em contraste com as leituras de Sérgio Buarque de Hollanda, Caio Prado Junior, Celso Furtado, Florestan Fernandes...

Em nível nacional, o professor Hermenegildo protagonizou a construção do grupo Formação, que reúne pesquisadores e grupos de pesquisa de diversas universidades do país, e desde 1999 realizou inúmeros encontros em diversas regiões do país.

Em nível internacional, na perspectiva dos estudos de Antonio Candido e Angel Rama, ampliou as articulações fazendo pós-doutorado no México, estudando a obra do escritor Juan Rulfo, trabalhando com o professor na Universidade Nacional Autônoma do México. E nos anos recentes intensificou as parcerias de pesquisa com o grupo argentino Herramienta, de Buenos Aires, coordenado pelo professor Miguel Vedda.

Aprendemos muito com as aulas do professor Hermenegildo, pelo valor atribuído ao texto literário e aos dilemas das obras de arte, analisados com maestria, pela incitação ao debate, ao trabalho de grupo, pelas análises argutas sobre a realidade política brasileira e internacional. Há mais de uma década o professor alertava em suas aulas sobre o rumo crescente de precarização da universidade pública brasileira, chamando atenção para uma espécie de privatização branca, burocrática, que opera

pela relação distante e clientelista dos estudantes com a universidade, pela mudança de atitude do corpo docente, pelo fosso crescente entre o país e a universidade pública etc.

Em duas décadas como professor da Universidade de Brasília, a trajetória do professor Hermenegildo marcou profundamente a formação de professores e pesquisadores, com a importância do rigor acadêmico, da abrangência dos estudos comparados em âmbito da América Latina, pelo vigor do pensamento empenhado em compreender e formular os dilemas da experiência brasileira e pelo valor atribuído ao trabalho coletivo.

O trabalho de Hermenegildo mantém vivo um elo com o projeto original da Universidade de Brasília, ao formar mais de uma geração de professores e intelectuais empenhados em pensar o país, em democratizar o potente acúmulo de nossa literatura para a classe trabalhadora. O pessimismo radical aprendido com Graciliano, e assimilado em sua conduta, nos ensina que as exigências intelectuais para a elaboração de uma análise crítica da realidade não devem imobilizar a atitude empenhada na consolidação da democracia como valor universal.

Por isso, em nome do PósLit, de seus estudantes, orientandos, colegas professores, dos membros do grupo de pesquisa coordenado por ele, lhe rendemos homenagem, em agradecimento pela trajetória emblemática que trilhou no programa de pós-graduação e na Universidade de Brasília um dos caminhos produtivos entre literatura e práticas sociais, hoje bastante consolidado.

Obrigado, Hermenegildo!

Brasília, 1º de outubro de 2015.